



Universidade do Minho
Escola de Ciências

Ciência

DA NATUREZA PARA O NATAL

Quer fazer perguntas a um cientista?

Esta rubrica sobre a Escola de Ciências da Universidade do Minho tem também como objectivo criar uma relação entre leitores e investigadores. Alguma vez pensou em fazer uma pergunta a um cientista? Caso queira participar pode enviar todas as suas questões para sec@ecum.uminho.pt e verá as suas dúvidas esclarecidas.

CIÊNCIA | MARINA DA COSTA MACIEL*

A uma semana do Natal, haverá alguém que ainda não tenha terminado as decorações típicas desta época? Com a azáfama do dia a dia é provável que sim. Por esta altura, muitas cabeças mergulham em mil e um pensamentos: a árvore de Natal para enfeitar, o presépio que ainda não está terminado, as ornamentações a condizer... Esta época do ano vive muito da decoração, mas o que é que realmente sabemos sobre as plantas mais usadas nesta quadra?

O azevinho, por exemplo, é uma planta popular em várias regiões do mundo e, como apresenta um crescimento lento, pode tornar-se num arbusto ou pequena árvore centenária. Os seus frutos – as bagas vermelhas, exclusivas das plantas femininas – amadurecem entre o outono e o inverno e são tóxicos: se cerca de cinco bagas são suficientes para causar convulsões, 30 bagas podem mesmo causar a morte a um adulto. Por outro lado, as folhas verdes e espinhosas do azevinho podem ser usadas em infusões para fins terapêuticos, pois possuem propriedades diuréticas, baixam a febre, são laxantes e combatem a perda de apetite. Contudo, a exploração excessiva desta espécie, especialmente a procura intensa pelas plantas femininas, impedindo a sua reprodução, ditou a inclusão do azevinho na lista das plantas em vias de extinção. Por essa razão, o arranque, o corte total ou parcial, o transporte e a venda de azevinho, são proibidos por lei em Portugal desde 1989.

Embora se comece a ver com menor frequência, há ainda quem recorra ao musgo para embelezar presépios, removendo-o em porções exageradas da Natureza. Infelizmente, muitas pessoas não sabem que quando se extrai o musgo da terra, todo o ecossistema é afetado. Esta planta, com diversas espécies, é capaz de armazenar água numa quantidade até 20 vezes o seu peso, impedindo a erosão dos solos durante as estações chuvosas e libertando humidade durante o tempo seco. Além disso, os musgos acolhem muitas espécies da flora e da fauna (tais como os invertebrados, muito úteis para a composição do solo) e funcionam como excelentes indicadores de poluição: grandes quantidades de certos musgos num determinado local indi-



cam a presença de muitos outros organismos, o que significa que essa é uma zona de grande biodiversidade e baixa poluição. Importa não esquecer que todo o musgo arrancado demorará cerca de sete anos para voltar a crescer. No entanto, é possível reutilizar o musgo extraído de um ano para o outro: basta guardá-lo em sacos de papel ou em jornais e algumas semanas antes do Natal, regá-lo e expô-lo à claridade. Ao contrário do que se possa pensar, o musgo não morre e pode até ser devolvido ao local de onde foi retirado.

Uma outra figura imprescindível no Natal é o pinheiro (bravo), uma árvore com grande importância económica para o nosso país, não só pelas várias aplicações da sua madeira, mas também pela resina que produz (utilizada no fabrico de tintas e vernizes). Além disso, atua como um excelente fixador de dunas, graças ao seu enraizamento apumado e profundo. E quem fala do pinheiro, pode ainda referir os saborosos pinhões – ricos em magnésio, cálcio, fósforo e em ácidos gordos mono e polinsaturados – provenientes do

pinheiro-manso.

Talvez esteja na altura de reconsiderar o conceito de decoração natalícia. Porque não pensar em alternativas sustentáveis para os adornos tradicionais de Natal? Basta dar azo à criatividade para protegermos a Natureza...